

# MARCIA KUPSTAS

CORAGEM NÃO TEM COR

**PROJETO PEDAGÓGICO**

# IDEIAS PARA SALA DE AULA

AQUI VOCÊ VAI ENCONTRAR SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA SEREM DESENVOLVIDAS EM SALA DE AULA ANTES, DURANTE E DEPOIS DA LEITURA. ELAS PROPÕEM REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA, SOBRE A ESTRUTURA NARRATIVA E SOBRE TEMAS INTERDISCIPLINARES PARA ALÉM DA FICÇÃO.

## 1. INVESTIGANDO A ORGANIZAÇÃO DA FAMÍLIA BRASILEIRA

Logo no início da leitura de *Coragem não tem cor*, somos introduzidos à peculiar organização da família de Edna, em cujo domicílio viviam, além de seus dois filhos adolescentes, uma filha maior de idade com seu respectivo bebê, sua mãe e, até o dia que antecede o início da narrativa, também seu pai, apesar de divorciado da esposa há muito tempo — todos estritamente dependentes de Edna em termos financeiros. Com o desenrolar da história, surge como modelo familiar contraposto a esse o da família Sposito, composto pelo núcleo pai-mãe-filhos, sendo mulher e menores dependentes da figura masculina e a filha maior economicamente independente. Apesar de no contexto da história a organização familiar patriarcal, mais tradicional, vincular-se à família mais rica e uma organização alternativa a essa vincular-se à família mais pobre, é fato atualmente muito estudado por demógrafos e sociólogos a transformação radical que vêm sofrendo as famílias brasileiras em todos os estratos socioeconômicos.

Com o apoio do professor de geografia é possível, portanto, investigar essas novas unidades sociais. Os instrumentos investigativos, conforme o ano escolar com o qual se esteja trabalhando, podem ser o relato pessoal, a aplicação de questionário padronizado dentro da própria escola para um público estatisticamente relevante — com posterior tabulação dos dados — e/ou a discussão de dados coletados em fontes confiáveis, como o site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) na internet.

## 2. ESCOLAS: PÚBLICAS E PARTICULARES, CONFESSIONAIS E LAICAS, TÉCNICAS OU NÃO...

Permeiam toda a história as percepções que Lúcio e Benjamim têm de sua nova escola, sendo muitas as passagens em que eles a comparam ou contrastam com sua escola anterior. Após lembrar com a turma alguns desses fragmentos, o professor pode pedir que os alunos comparem e contrastem a própria escola ao Covisbe, listando coletivamente semelhanças e diferenças em relação à estrutura física, ao público atendido, ao perfil dos educadores, à grade curricular, ao tempo de permanência dos estudantes na escola, ao relacionamento entre colegas e às medidas disciplinares.



Elaboradas as listas, a classe pode, sob a coordenação do professor, discutir em quais aspectos consideram ter uma situação mais favorável e a que se deve essa condição e em quais aspectos consideram ter uma situação desfavorável e como a comunidade escolar poderia contribuir para modificá-la.

Pode-se ainda desdobrar esse trabalho de reconhecimento e apreciação de realidades escolares alternativas por meio de entrevistas: dividida em grupos, a turma pode entrevistar um perfil específico de estudante (de escola particular caso se esteja em escola pública; de escola técnica caso se esteja em escola que não ofereça essa modalidade; de escola especial para deficientes visuais ou auditivos caso se esteja em escola regular; de escola Montessoriana, Waldorf ou marcadamente Construtivista caso se esteja em escola “tradicional”; de escola rural caso se esteja em escola urbana, etc.). As descobertas podem ser partilhadas com toda a classe.

### 3. O PREÇO DE SE ENTURMAR

Tanto o comportamento de Benjamim quanto o de Lúcio dão o que pensar em relação à maneira como se travam amizades na escola. O primeiro, deslumbrado com o ambiente e buscando (talvez inconscientemente) ser aceito de imediato, associa-se logo ao grupo mais “popular”, inclusive assumindo atitudes que não combinam com sua educação e personalidade. O segundo, sentindo-se, pelo contrário, refratário ao ambiente, isola-se por bastante tempo e, quando finalmente se associa a um grupo, é por reconhecer que se trata de outra minoria excluída (“os gordinhos”). Até quase o fim da história ele resiste a reconhecer que uma pessoa como Victoria (branca, rica, magra, bonita) possa ser também crítica, inteligente e livre de preconceitos.

O professor pode aproveitar que a turma estará sensibilizada para esse assunto pela leitura e propor uma dinâmica de interação em que cada aluno se una a um colega de classe com o qual nunca se associou para diversão ou trabalho, com o propósito único de conhecê-lo. Se o docente considerar que será difícil as pessoas “quebrarem o gelo” para uma conversa que tenha ao mesmo tempo respeito, interesse genuíno e alguma profundidade, pode propor perguntas significativas (Quais são seus principais defeitos e qualidades? O que uma pessoa deve saber sobre você para lhe entender? Qual o momento mais feliz e o mais triste que você lembra ter vivido? Qual é o seu projeto de vida?).

### 4. HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA: AMORES PROIBIDOS

Benjamim e Victoria vivem um amor francamente desaprovado pela família da moça em razão das diferenças étnicas e sociais entre os jovens. Mesmo assim, parecem “coisa de folhetim” (para usar uma expressão lembrada pelo próprio Lorenzo, pai da garota) os artifícios drásticos usados para separá-los. Será que ainda existem de fato — fora do contexto da literatura, do teatro e das novelas — amores proibidos?



Respondendo a essa pergunta, o professor de história pode, por exemplo, organizar seminários para que a turma pesquise e discuta este tema candente da história da vida privada que é a ingerência das famílias na escolha de cônjuges para seus filhos. Subtemas como o casamento entre hindus, muçulmanos, ciganos, índigenas brasileiros e as transformações pelas quais passou o casamento nas tradições ocidentais — desde a Grécia antiga até os dias atuais — podem ser contemplados.

## 5. MENSAGENS DE OUTRA DIMENSÃO

Um toque comum a outras obras de Marcia Kupstas é a interferência do sobrenatural na narrativa. Em *Coragem não tem cor*, esse toque é dado pela aparição regular do espírito do velho Pi à sua filha, Edna. As visitas precedem situações problemáticas envolvendo os filhos dessa mulher batalhadora e têm a função de, por um lado, prepará-la para os momentos de dificuldade e, por outro, de mostrar-lhe que não está sozinha, que tem um pai que a ama e reconhece os erros que cometeu em vida. Quando os dias de turbulência passam e a reconciliação entre pai e filha se consuma, o espírito finalmente se desprende de vez dessa esfera e parte para não mais voltar. Mais do que discutir a possibilidade de comunicação com os mortos (questão de fé que se descola do currículo escolar), interessa ao professor explorar com a turma o gênero textual do qual se vale Pierre Daveaux em suas mensagens: a parábola — gênero fartamente explorado na literatura que tem origens remotas, sendo parente, pela carga de ensinamento que embute, do mito, da lenda e da fábula.

O professor pode pedir que os alunos elaborem juntos uma coletânea de parábolas, desentranhadas de fontes diversas. Uma vez pronta a coletânea, os textos podem: a) dar origem a atividades de interpretação que foquem especialmente a compreensão da *alegoria*; b) ser incorporados, total ou parcialmente, a histórias produzidas pelos alunos (contos fantásticos, de aventura, romance, terror ou mistério).

## 6. A ARTE DE VIVER

A família de Victoria é exemplo de que riqueza não é sinônimo de ausência de problemas. Os dramas vividos por Leonor e Jânia — uma presa à síndrome do pânico, a outra tendo enfrentado a anorexia e apartada de uma vida sadia pela cleptomania — são perturbadores.

Como fora da ficção os distúrbios da ansiedade e os distúrbios alimentares vêm chamando a atenção da comunidade médica e da sociedade como um todo, pelo aumento de sua incidência nas duas últimas décadas, pode interessar ao professor de ciências explorar com os alunos causas, sintomas, tratamento e — nos casos cabíveis — prevenção. Depois, os estudantes podem sistematizar os conhecimentos adquiridos elaborando panfletos informativos para distribuir entre colegas de outras séries.



# ATIVIDADE ESPECIAL

## A ARTE COMO INSTRUMENTO DE DENÚNCIA

ESTA ATIVIDADE TEM COMO PROPOSTA UNIR AS DISCUSSÕES E AS ATIVIDADES ANTERIORES ACERCA DE *CORAGEM NÃO TEM COR*, FAZENDO COM QUE OS ALUNOS REFLITAM AINDA MAIS SOBRE A HISTÓRIA, CRIANDO NOVOS TEXTOS QUE TENHAM COMO BASE O LIVRO LIDO.

**PRIMEIRO PASSO** O professor pode começar esta atividade instruindo os alunos sobre um tópico fundamental para a teoria do texto escrito: a distinção entre *tema* e *assuntos*.

**SEGUNDO PASSO** Compreendida essa distinção, os alunos podem ser motivados a identificar quais são os assuntos da obra e qual é o seu tema central, sendo orientados a sempre retornar ao texto a fim de apontar evidências que sustentem suas hipóteses, citando fragmentos relevantes para justificar suas posições. Ao término desse passo, espera-se que o grupo tenha conseguido apontar como assuntos da obra o amor, a amizade, o bullying, a escola, a desigualdade social e a comunicação com os mortos, entre outros, e o racismo como seu tema central.

**TERCEIRO PASSO** Assumido o racismo como tema, a turma pode ser dividida em grupos para que cada um pesquise uma faceta da realidade do negro no Brasil e depois partilhe suas conclusões com a classe (alguns exemplos de abordagem: “A situação do negro pós-abolição da escravidão”; “A situação atual dos negros e pardos na sociedade brasileira: moradia, cultura e mercado de trabalho”, “A lei Afonso Arinos”, “As recentes políticas públicas implementadas para a população afrodescendente”).

**QUARTO PASSO** Depois de realizado esse aprofundamento e entendido o livro *Coragem não tem cor* como um instrumento não só de entretenimento mas também de denúncia, os alunos podem ser convidados a aplicar seu novo repertório de reflexões sobre a questão racial praticando um gênero tradicionalmente utilizado pela população da periferia (ainda fortemente identificada com a população negra e parda) para protestar: o rap.

**QUINTO PASSO** Novamente reunidos em seus grupos, os alunos dispõem de um prazo estipulado pelo professor para criar a letra de um rap em torno do tema do racismo. Se desejarem, podem inclusive usar a oportunidade para recontar a história de Lúcio e Benjamim. No momento de ensaiar a música, podem recorrer ao beatbox e à percussão corporal para enriquecer a sonoridade de sua produção sem precisar contar com outros recursos além de sua voz e seu corpo.

**SEXTO PASSO** Finalmente, em uma data combinada, alunos de todas as turmas da série podem se reunir para a apresentação de seu “Show contra o racismo”.

